

“LAR DOCE LAR” – A COZINHA COMO CENTRO AFETIVO DA CASA¹

“Home sweet home” – the kitchen as affective center of the house

Marina Rossi Ferreira²

RESUMO

Inicialmente, a casa surge como um meio de sobrevivência e, com o passar do tempo, ganha outras dimensões significativas, tornando-se também local de abrigo, afeto, aconchego, paz e convívio, o “nosso canto no mundo”. De sua estrutura, a cozinha pode ser vislumbrada como o centro afetivo da casa, ao consistir também em espaço de relações sociais e carregar em si outras dimensões de significado. Através de uma reflexão teórica sobre as relações que construímos com a casa, no presente artigo abordamos sua dimensão afetiva através da relação simbólica que possuímos com a comida, pensando a cozinha como espaço vivenciado. Deste modo foi possível visualizar que os aspectos simbólicos da comida se configuram também em uma possibilidade de reflexão sobre a relação espacial que desenvolvemos com a casa, visto que estes também ressignificam nossa experiência e os vínculos com o lugar.

Palavras-Chave: Casa. Cozinha. Comida. Espaço vivenciado.

ABSTRACT

Originally, the house appears as a means of survival, gaining over time other significant dimensions, becoming also a place of shelter, affection, warmth, peace, and conviviality; “our corner in the world”. From the structure of a house, the kitchen can be understood as an emotional center, as it also consists of a space for social relations and carries with it other dimensions of meaning. Through a theoretical reflection, this article addresses the affective dimension of the relationships we have with houses. Thereby, through the symbolic relationship we have with food, it intends to examine the kitchen as part of our experienced space. In this way, it is noticeable that the symbolic aspects of food also consist in a possibility of reflection on the spatial relationship that we develop with the house since they also resignify our experience and the links established with the place.

Keywords: House. Kitchen. Food. Living space

¹ O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Turismóloga, mestra em Turismo e doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora integrante do Laboratório Território, Cultura e Representação – LATECRE-NEER. lizmarina.ferreira@gmail.com.

✉ Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100 – Ed. João José Bigarella – 3º andar – Jardim das Américas. Curitiba, PR. 81530-000.

INTRODUÇÃO

Quando se menciona o termo casa, não se faz referência apenas a uma estrutura construída em madeira, tijolo, barro ou pedra. Uma casa se constrói também de sonhos, risos e memórias. A casa, enquanto nosso lugar no mundo, abrange em si um mundo inteiro: é local de abrigo, de afeto, de paz, de convívio. Edifica-se enquanto um porto seguro e ponto de referência, e nos acolhe com todas as sensações que envolvem “sentir-se em casa”. Transforma-se à medida que é ocupada, nas marcas materiais e simbólicas do cotidiano dos que ali residem e fazem dela seu lugar.

Em um primeiro momento da história humana, a casa surge como meio de sobrevivência, um local de proteção das ameaças e perigos externos. Representa um artifício frente a desvantagem natural dos seres humanos em comparação aos outros animais. Nossos antepassados precisaram buscar formas adicionais de abrigo que possibilitasse sua permanência como espécie (LEUPEN; MOOIJL, 2011). Nesse contexto, a escolha de ocupar uma ou outra caverna natural específica, em detrimento às restantes, expressa talvez a primeira experiência arquitetônica da humanidade (LEITÃO; AMORIM, 2007).

Aos poucos, o que se inicia como a busca por refúgio e amparo, modifica-se à medida que é atribuído significado emocional à casa enquanto espaço habitado. Moreira (2017) analisa esse processo como o da casa deixando de constituir apenas um abrigo físico e adquirindo também dimensão psicológica, transformando-se “no abrigo do ‘eu’, um lugar de desenvolvimento de ideias, costumes e modos de ser e viver, de construção de personalidade” (MOREIRA, 2017, p. 12).

Desde o início de sua história, a casa parece ter em sua natureza uma dimensão mais subjetiva e emocional. E se a casa possui significados para além de sua materialidade, a cozinha pode ser considerada, em muitos casos, como seu centro afetivo, seu coração, como destaca

Barcellos (2017), já que além de concentrar as atividades da rotina doméstica, relaciona-se à diversas lembranças afetivas na e sobre a casa.

Comer, mais do que satisfazer uma necessidade fisiológica, consiste também em um ato social (SANTOS, 2011), uma vez que em torno do preparo e do consumo alimentar desdobram-se uma série de ritos e protocolos que ditam não apenas o que se come, mas também como, em qual momento e com quem se come. Isso, porque as práticas alimentares também estão imersas de significados simbólicos. E é a partir desse contexto que a cozinha consiste também em um espaço de relações sociais (SILVA, 2009), pois seu uso cotidiano abrange o convívio familiar em torno do fogo e da mesa. O preparar e degustar de receitas como um momento de partilha e intimidade entre família e amigos.

Se a casa é como descreve Bachelard (1978), o lugar onde se pode sonhar, na cozinha os sonhos viram sabores e alimentam nossas memórias. A casa é onde construímos parte significativa de nossas lembranças afetivas; a cozinha é onde as degustamos acompanhadas de café. A inserção dessa discussão no escopo das pesquisas geográficas é relevante, pois enfoca a vivência do sujeito como ponto central para a compreensão dos espaços cotidianos, no caso do presente artigo, a casa e a cozinha. Entender a subjetividade dessa relação também nos possibilita ampliar as discussões sobre a questão alimentar na perspectiva da Geografia Cultural e Humanista, em especial as que se propõem versar sobre nossa relação afetiva com a comida e com o lugar³.

Apoiando-se na compreensão de Bollnow (2008) da casa como espaço vivenciado e da leitura de Bachelard (1978, p. 200) sobre a casa como “nosso canto do mundo”, o presente artigo propõe uma reflexão

³ A comida como conformadora de memórias afetivas e sua influência na relação simbólica entre sujeito e lugar não será abordada em detalhes no presente artigo, mas é tema da pesquisa de doutorado da autora (FERREIRA, 2020).

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa

Marina Rossi Ferreira

teórica através de uma revisão bibliográfica, abordando a dimensão afetiva da casa a partir da relação simbólica que possuímos com a comida e os espaços e ritos envolvidos em seu preparo e consumo.

O objetivo é enfatizar o sensível na relação que cultivamos com a comida e com o local que chamamos de casa, entendendo a importância dos aspectos simbólicos e emocionais que atravessam ambos os temas. Para tal, estruturou-se a discussão em três tópicos: o primeiro aborda a casa a partir de sua dimensão afetiva, o segundo detalha a função socializadora da comida a partir da utilização do fogo no preparo alimentar e o último trata especificamente da cozinha como centro afetivo da casa.

CASA, ONDE SE ENCONTRA ABRIGO, PAZ E SONHOS

Primeiro foi a caverna. O homem, o animal com uma clara racionalidade, embora pouco desenvolvida, pouco avançada, refugiou-se nas cavernas para se proteger do frio e da chuva e para se defender do ataque de outros animais [...] Depois veio a cabana. [...] E embora tenha sido apenas para se refugiar e para se defender, pode então, com mais liberdade do que acontecia com a caverna, eleger o sítio e decidir o local e a forma da sua habitação. [...] decidir onde fixar-se e a forma de arquitetura que mais lhe convinha. E finalmente, chegou a casa. O refugiar-se e o defender-se transformaram-se no habitar. [...] Se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar. E é neste ponto que nos encontramos.
(BAEZA, 1996, n.p.)⁴

⁴ Tradução livre de: “Primero fue la cueva. El hombre. animal con una clara racionalidad todavía poco desarrollada, poco desplegada, para guarecerse del frío y de la lluvia, y para defenderse del ataque de otros animales [...]. Después vino la cabaña [...] Y aunque todavía fuera sólo para guarecerse y para defenderse pudo ya, con más libertad que con la cueva, elegir el sitio y decidir el lugar y la forma de su estancia [...] decidir el lugar en el que asentarse y la forma de la arquitectura que le acogía. Y al final llegó la casa. El guarecerse y el defenderse se transformaron en el habitar [...]. Si el hombre como animal se refugió en la cueva y como racional construyó la cabaña, el hombre culto, creador, concibió la casa como morada para habitarla. Y en eso estamos”.

A casa é um ponto interessante para refletirmos sobre o ser humano e sua relação espacial com o mundo. Sua construção, desenho e o uso de suas divisões apresentam facetas múltiplas, refletindo também um recorte histórico e geográfico. Uma casa pode revelar ou se relacionar a diversos aspectos: socioeconômicos, culturais, ambientais, gênero, contextos históricos, movimentos e tendências arquitetônicas, novas demandas sociais, entre outros. Há, no entanto, uma dimensão subjetiva que a permeia: a vivência cotidiana em nossas casas norteia muito do que somos, ao mesmo tempo que nossa personalidade também se reflete no modo como a ocupamos, decoramos e fazemos uso de suas estruturas.

Por isso, para Moreira (2017, p. 25) “falar sobre casa é falar inevitavelmente sobre as pessoas que ali residem, pois a casa se forma nessa relação”. Este fato, inclusive, levaria a diferenciação entre casa e habitação. De modo sucinto, a última apenas indica um lugar que se habita, não evocando automaticamente a relação com as pessoas que a habitam, enquanto a casa é compreendida não apenas como um espaço, “mas integra também os habitantes e seus pertences, sendo esses o que justifica a sua existência e lhe confere caráter” (MOREIRA, 2017, p. 25).

Bollnow (2008, p. 16) contextualiza a casa em seu conceito de espaço vivenciado, que refere-se ao espaço humano concretamente vivenciado, “o campo do comportamento da vida humana”, dotado de significado pelo sujeito. De acordo com o autor, o espaço vivenciado trata-se não somente de algo imaginado ou concebido, “mas algo real: o espaço concreto real, no qual acontece a vida” (BOLLNOW, 2008, p. 17). Ou seja, o espaço aqui apresenta-se na referência mais íntima de nossa existência, sendo pensado a partir da perspectiva da experiência.

O espaço vivenciado tem sua centralidade no ser humano que o vivencia. Diferentemente de um espaço matemático, caracterizado

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

pelo autor como abstrato e homogêneo, o espaço vivenciado apresenta imediações e locais distintos, com cada lugar tendo seu significado para o sujeito. “Trata-se não de uma realidade descolada da relação concreta com o homem, mas do espaço, tal como existe para o homem” (BOLLNOW, 2008, p. 16).

A partir desta perspectiva, Bollnow (2008) indica a casa como centro do mundo, um necessário ponto de referência fixo, da qual partem e retornam todos os nossos caminhos. Localizada na duplicidade entre o espaço externo e o espaço interno. O externo sendo o “espaço da atividade do mundo” (BOLLNOW, 2008, p. 139) onde se concentram os perigos e a exposição. Nele, o ser humano tem a necessidade da casa, enquanto um âmbito de silêncio, paz, abrigo e proteção, no qual é possível desligar-se do estado de alerta necessário no convívio no/ com o espaço externo. Para o autor, a casa é um mundo em si, pois contém um caráter próprio, sagrado em certa medida, que nos protege e separa do mundo externo, mas ao mesmo tempo dialoga com este e o reflete.

Logo, muito mais do que apenas um “esforço primitivo da humanidade para alcançar uma proteção contra a inclemência do tempo, os ataques de animais selvagens e os inimigos humanos” (MIGUEL, 2003, p. 22), a casa também se configura em um refúgio íntimo e pessoal onde podemos desenvolver nossos modos de ser, viver e de se relacionar. Ela permite a manutenção e difusão de hábitos e alimenta a construção de nossa personalidade, em seus ideais e sonhos. Nas palavras de Bachelard (1978, p. 201) o benefício mais precioso da casa é o de abrigar o devaneio e proteger o sonhador, permitindo-nos sonhar em paz.

A casa demarca o território do que nos é próximo e familiar e configura-se “[...] como o pertence que mais se caracteriza como nosso” (BOLLNOW, 2008, p. 134), dependendo muito mais da relação

interna que é desenvolvida com a mesma e do quanto se é capaz de amá-la, do que sua simples posse. O que reforça a compreensão da casa a partir da relação que temos com ela, de como a significamos.

Assim como a centralidade do ser humano para o espaço vivenciado, há a centralidade da compreensão da casa a partir de quem a habita. Bachelard (1978, p. 200) destaca que “[...] a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.”

Entende-se a casa como intimidade, um ponto de enraizamento do ser no espaço, construída por sua essência íntima e desdobrando-se como uma referência para todas as outras relações, tanto com outros lugares, quanto com outras pessoas. Exerce também uma referência em termos de distância, do que nos é mais próximo e familiar e ao que se considera consistir espacialmente como nosso. A casa representa “nosso primeiro universo” (BACHELARD, 1978, p. 200), já que quando crianças configura-se na primeira noção que se tem de mundo: “É o lugar onde, no seu mundo, “habita”, onde ele está “em casa” e para onde sempre pode “voltar para seu lar” (BOLLNOW, 2008, p. 133).

Observa-se nessa citação de Bollnow (2008) a menção do “voltar para seu lar”. O termo lar aqui é utilizado como sinônimo para casa, assim como ocorre em outros textos e contextos diversos. No entanto é preciso ressaltarmos que isso só se aplica à medida que se está referindo a casa conforme apontado anteriormente, sob a perspectiva da afetividade e vínculo emocional com ela.

A expressão por exemplo “lar doce ar” indica a sensação de acolhimento em se estar ou retornar para casa, aquele que consideramos e sentimos como sendo nosso lugar mais íntimo. Talvez seja possível sintetizar da seguinte forma: casa é lar quando há vínculo afetivo do sujeito com a mesma e com as outras pessoas que ali residem.

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

Relph (2014), partindo da discussão de lugar, descreve o lar como sendo onde “as raízes são mais profundas e mais fortes”. Isso porque há um intenso senso de pertencimento e familiaridade, não apenas com o local em si, mas também com as pessoas que ali convivem. Ainda que costumeiramente vinculado à imagem da casa, para o autor, o lar, assim como todo lugar, não é delimitado por limites precisamente definidos, mas sim enquanto foco de intensas experiências, já que o “Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo” (RELPH, 2014, p. 29).

O autor não restringe a noção de lar à materialidade da casa ou sequer a um espaço construído, já que em sua compreensão o lar estaria muito mais vinculado à experiência espacial do sujeito. Deste modo, a abordagem de Relph (2014) amplia as possibilidades do que pode ser considerado ou não como nosso lar, visto que este pode estar ou não vinculado ao ambiente da casa. O acolhimento e gentileza de um anfitrião em uma casa distinta da nossa, por exemplo, também pode causar ao visitante uma sensação próxima ao de lar.

Assim, a casa segue sendo uma imagem do mundo, um mundo menor, que em sua ordem mantém uma correspondência ao mundo maior lá fora. [...] Casa e mundo se correspondem. Para criança pequena, a casa é ainda o mundo inteiro, e, somente por estar enraizada na casa, ela pode crescer para o mundo. Somente por morar na casa, o homem também pode, então, sentir-se em casa no mundo, morar no mundo (BOLLNOW, 2008, p. 157).

Para Bachelard (1978) a essência da casa está não apenas em ser abrigo para as vivências do cotidiano, mas principalmente por representar um local onde se está protegido para sonhar. E enquanto pensamentose experiências sancionamos valores humanos, o devaneio pertence à esfera do que marca o ser humano em sua profundidade. Em sua perspectiva, “[...] a casa é um dos maiores poderes de integração

para os pensamentos, as lembranças e os sonhos”, mantendo-nos através das tempestades – reais e metafóricas (BACHELARD, 1978, p. 201).

Leitão e Amorim (2007, p. 56) afirmam que a casa “surge para acolher, para abrigar, para confortar [...], para proteger, não apenas das hostilidades ambientais, sua face mais visível, mas também em sua dimensão simbólica do desamparo que marca o humano face à experiência de existir.” Essa perspectiva ressalta a proteção oferecida pela casa em termos mais simbólicos. Ainda que a proteção contra ameaças e perigos externos permaneça sendo uma de suas funções, amplia-se para outros níveis de segurança: onde nos sentimos seguros para sermos vulneráveis e deixarmos nossos sonhos e devaneios livres.

De acordo com Moreira (2017), por séculos sua estrutura era composta por apenas um compartimento onde todas as atividades domésticas eram desenvolvidas. A organização se dava ao redor do fogo, prioritariamente pela necessidade de calor e junto deste eram realizadas todas as demais atividades, como comer, estar e dormir. Mesmo a partir da adição de outros ambientes, por muito tempo as divisões do espaço da casa não tinham usos pré-estabelecidos. Apenas após o surgimento de noções de comodidade e privacidade que a organização interna dos ambientes da casa começou a se desenvolver na forma de cômodos mais estruturados.

Bollnow (2008) esmiúça a estrutura da casa em pormenores em busca de delimitar com maior exatidão o que denomina como centro do espaço vital. Ele cita o fogão em um primeiro momento como um centro comum da casa, visto que antigamente este localizava-se literalmente em seu centro e “[...] ainda tinha um significado diretamente sagrado: o fogão como altar” (BOLLNOW, 2008, p. 175).

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa

Marina Rossi Ferreira

O autor indica o fogão e a mesa como símbolos do centro comum da família.

[...] O fogo do fogão, que mesmo à noite as pessoas não apagavam, mas recobriam cuidadosamente com cinzas, era o centro da vida caseira. Ainda hoje o fogão preserva um certo resto dessa conotação sagrada. Assim, casa e fogão muitas vezes aparecem juntos numa expressão usual. [...] O fogão é equiparado ao próprio lar (BOLLNOW, 2008, p. 176).

E se de acordo com Moreira (20174) em um primeiro momento o desenho da casa era influenciado pela centralidade do fogo, em sua disposição atual é possível observar que a casa ainda dispõe da cozinha como o ponto onde ele se encontra (ainda que já existam outros pontos e fontes de calor). Como veremos no tópico seguinte, é em torno do fogo que se desdobram os elementos da dimensão sociocultural da alimentação, trazendo uma nova dimensão ao seu preparo e consumo. Na história humana o fogo consistiu um elemento importante tanto na forma como passamos a nos relacionar uns com os outros, quanto no modo como ocupamos o espaço e o tornamos nosso.

AO REDOR DO FOGO NOS TORNAMOS COMENSAIS

A importância do fogo na evolução humana é debatida há muito tempo e por diferentes disciplinas. Primeiramente, o fogo surge como fonte de calor, luz e proteção. A partir do momento que passa a ser também utilizado no preparo alimentar, transformações mais profundas acontecem. Para muitos estudiosos, o ato de cozinhar os alimentos possui um papel fundamental na evolução da espécie humana enquanto ser sociocultural.

Ao começarmos a cozinhar os alimentos uma nova dinâmica foi imposta às práticas alimentares. Estas passaram a acontecer em local e momento pré-estabelecido por uma comunidade de

comensais (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010), o que fez com que o ato alimentar começasse a representar também um processo de socialização, considerado por Boutaud (2011) como “os primeiros sinais de humanização”, abrangendo os ritos que passaram a integrar a preparação dos alimentos, envolvendo o uso comum do fogo com um bem coletivo e o momento das refeições assumindo uma função social (BOUTAUD, 2011, p. 1214).

Wrangham (2009) defende a hipótese de que a transformação que deu origem ao gênero *Homo* provém do controle do fogo e da inclusão de refeições cozidas na dieta alimentar humana. E isso, tanto pelas novas dinâmicas sociais impostas, quanto pelas transformações físicas que tal gesto causou, aumentando o valor da comida, tornando-a mais segura, saborosa e auxiliando na redução de sua deterioração. O ato de cozinhar os alimentos transformou “[...] nossos corpos, nosso cérebro, nosso uso do tempo e nossas vidas sociais” (WRANGHAM, 2009, p. 7). Na teoria proposta pelo autor, um ponto chave foi que cozinhar os alimentos proporcionou uma dieta com maior densidade energética, aumentando a eficiência digestiva, deixando assim mais energia para o crescimento do cérebro.

O observar das intensas transformações causadas pela utilização do fogo nas práticas alimentares faz com que vários pesquisadores como Montanari (2013), Fernández-Armesto (2010), Wrangham (2009), Pollan (2014), entre outros, o apontem como central para a dimensão cultural da existência humana.

Estudos como os desenvolvidos pelo antropólogo Lévi-Strauss (2004) abordam a importância dos ritos alimentares na conformação do ser humano enquanto ser sociocultural e indicam a administração do fogo e sua utilização para cozinhar os alimentos como responsável por impor não apenas uma nova dinâmica ao momento do consumo alimentar, mas também como marco do início de um senso de

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

comunidade e novas estruturas do grupo em termos de divisão de tarefas. A partir da oposição entre cru (natureza) e cozido (cultura), o autor entende a culinária como uma forma de mediação “entre o céu e a terra, a vida e a morte, a natureza e a sociedade” (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 84).

De modo sucinto, cozinhar pode ser compreendido como “toda a multiplicidade de técnicas concebidas pelas pessoas para transformar materiais crus extraídos da natureza em coisas nutritivas e atraentes para comermos e bebermos” (POLLAN, 2014, p. 19). De maneira técnica, podemos dizer que cozinhar implica um processo de transformação físico-química pelo qual se transforma os alimentos a fim de serem consumidos, havendo muitas formas de causar tais transformações: assar, grelhar, refogar, triturar, fermentar, empanar, congelar, ensopar, defumar, fritar, fundir, emulsificar, cozer no vapor e tantas outras. Muitos desses processos partem do domínio do fogo, ainda que seja preciso ressaltar que cozinhar não se restringe ao uso de tal.

As transformações dos hábitos alimentares humano causadas pela descoberta do fogo e as novas dimensões simbólicas que passaram a integrar a questão alimentar evocam a transformação do alimento em comida:

Comida é cultura quando preparada, porque, uma vez adquiridos os produtos-base de sua alimentação, o homem os transforma mediante o uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas da cozinha. Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos que a própria comida se reveste. Por meio de tais percursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos eficazes instrumentos para comunicá-la (MONTANARI, 2013, p. 16).

A importância principal do fogo e de seu uso no preparo alimentar está no fato que tal articulação proporcionou o estabelecimento das refeições como um momento de convívio em comunidade. Esta nova dinâmica fez com que a comida adquirisse significados simbólicos ao configurar-se não apenas como fonte de nutrição, mas também como um modo de se tecer e sustentar vínculos sociais. Cozinhar os alimentos nos proporcionou estabelecer as refeições como o ato de comer juntos num momento e num lugar predeterminados e “[...] o ato de nos sentarmos para fazer uma refeição em comum, olhar nos olhos uns dos outros, compartilhar a comida e nos comportar com certo decoro, tudo isso serviu para que nos civilizássemos” (POLLAN, 2014, p. 14).

A essa dinâmica se estabelece o conceito de comensalidade, que Carneiro (2003, p. 71) define resumidamente como “a prática de comer junto”. O termo comensais deriva justamente desse conceito, correspondendo de modo geral aos que habitualmente comem juntos. A comensalidade remete a uma forma de partilha, de troca e de reconhecimento do outro e vincula-se à compreensão de hospitalidade, já que o ato de compartilhar uma refeição junto à mesa consiste em uma das formas mais reconhecidas de acolhida, fazendo com que o comer juntos assumira um significado ritual e simbólico superior ao simples satisfazer de uma necessidade alimentar (BOUTAUD, 2011).

A comensalidade contempla o “comer simbólico”, que pode ser compreendido em dois níveis de interpretação. Primeiramente, sob a ótica da incorporação (ou ingestão) de valores relacionados aos alimentos. E, num segundo nível, acerca do valor simbólico desses alimentos consumidos em comum e o caráter simbólico atribuído à refeição em grupo (BOUTAUD, 2011).

[...] Assim que o fogo passou a ser administrável, ele logo uniu as comunidades, já que para cuidar das chamas eram necessários divisão de trabalho e esforços compartilhados. O

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa

Marina Rossi Ferreira

fogo funcionava como um foco, presumimos, antes mesmo ou além de sua adaptação para o cozimento de alimentos, graças às outras funções que fazem com que as pessoas se reúnam ao seu redor: luz e calor, proteção contra praga e predadores. O cozimento aperfeiçoou o poder de magnetismo social do fogo ao acrescentar uma nutrição melhor a estas funções. Ele socializou o ato de comer ao transformá-lo em uma atividade praticada em local e momento determinados, por uma comunidade de comensais (FERNÁNDEZ-ARRESTO, 2010, p. 33).

De acordo com Montanari (2013), em todos os níveis sociais, o estar junto à mesa consiste no primeiro sinal de pertencimento a um grupo, que pode ser a família ou uma comunidade mais ampla: “[...] toda confraria, corporação, associação reafirma à mesa a própria identidade coletiva” (MONTANARI, 2013, p. 159). E evidentemente que o realizar das refeições em torno da mesa nem sempre significa estar em perfeita harmonia. Há demarcações hierárquicas no modo como a mesma será organizada, assim como a diferenciação de acordo com os protocolos presentes no servir e degustar das iguarias.

No partilhar de uma refeição é possível observar diferenciações referentes ao gênero, à importância e prestígio aferidos a certos comensais em detrimento de outros, à formalidade ou não da refeição. O próprio espaço no qual a mesa está inserida, pode denotar diferentes níveis de intimidade para com o anfitrião da casa: “Mesa de cozinha, mesa de copa, mesa de sala de jantar - que revelam níveis progressivos de intimidade e de convívio” (BARCELLOS, 2017, p. 36).

A dimensão simbólica em torno da comida e da partilha das refeições entre os comensais retoma a perspectiva indicada por Silva (2009) da cozinha como espaço de relações sociais e nos traz as possibilidades de se explorar a cozinha dentro da perspectiva de um espaço vivenciado. E mais do que dividir a mesa, a comunhão está em se dividir o pão. A partilha da comida representa outra dimensão essencial do comer junto (MONTANARI, 2013).

O gesto de ofertar um alimento a alguém consiste em uma das formas mais reconhecidas de hospitalidade. Nesse contexto, um comensal assume, antes de tudo, a figura do hóspede, sendo identificado tanto no sentido de convidado quanto, de modo mais específico, de conviva, já que a comensalidade condensa os traços da hospitalidade e os da mesa (BOUTAUD, 2011, p. 1213). Boutaud (2011) explica que a comensalidade age por dois eixos:

O eixo horizontal é a força de agregação e da coesão que a comensalidade alimenta. A comunidade se forma, se encontra, se reconhece; expressa sua unidade, seus vínculos, sua capacidade de intercambiar, de se abrir, de se relaxar e de se divertir. No caso do eixo vertical, a comensalidade convida ao respeito das hierarquias, dos lugares, dos papéis (BOUTAUD, 2011, p. 1213).

De acordo com Franco (1995), a comensalidade, tanto do ponto de vista religioso como profano, foi sempre compreendida como um gesto de se promover a solidariedade e reforçar os laços entre membros de um determinado grupo. Entre os que dividem a mesma mesa, comem e bebem juntos, estabelece-se afinidades, vínculos de amizade e fraternidade, que são inerentes à comensalidade. A dimensão afetiva da comida e o aspecto simbólico do comer junto ressignificam nossa experiência e os vínculos com o lugar.

A palavra “convívio” se encontra etimologicamente vinculada ao termo *cum-vivere*, associada à perspectiva do viver junto com o de comer junto (MONTANARI, 2013). O gesto de dividir a comida consiste quase em um modo de dizer que se faz parte da mesma família: “[...] ainda hoje, em várias expressões dialetais, a casa se identifica com a comida, que permite à comunidade doméstica viver ali, todos juntos: “Vamos para a casa”, no léxico tradicional da Romagna, quer dizer “Entremos na cozinha” (MONTANARI, 2013, p. 159).

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

Além disso, a utilização ainda hoje da expressão “comida caseira”, por exemplo, faz referência não apenas à comida preparada no ambiente doméstico, mas principalmente a perspectiva desta como sinônimo de refeição cotidiana, familiar, de sabores que alimentam memórias gustativas. Isso pois, conforme apontado anteriormente a comida possui uma dimensão simbólica. O sabor associado às vivências, emoções, ao cotidiano e as lembranças está intimamente conectado às pessoas e aos lugares que se quer bem, que se tem afeto, apreço, significado. E muito disso é consumado a partir das refeições compartilhadas com quem amamos.

Considerando essa dimensão simbólica da comida e retomando a perspectiva de espaço vivenciado de Bollnow (2008), podemos pensar a cozinha como parte do espaço vivenciado e constituidora de espacialidades específicas: pelo ato de comer, pelo comer em grupo, pela técnica e tradição envoltos em certos preparos alimentares... O interesse aqui portanto não é a concretude da cozinha, mas as ações, ou seja, as espacialidades que se desenrolam nesse espaço, tornando-a um espaço vivenciado, dotado de sentido e significado.

FOGÃO E MESA: A COZINHA COMO UM CENTRO AFETIVO DA CASA

Se casa é “corpo e alma” (BACHELARD, 1978), podemos pensar a cozinha como seu coração, enquanto o lugar da vida em comum, das comunhões, do tornar-se íntimo, fruto da convivência, pois, como ressalta Barcellos (2017, p. 36) “[...] Diferente da intimidade mais protegida dos quartos e banheiros, que são intimidades privadas, do sonho a sós, a cozinha, no nível da memória e do desejo, é o sonho da convivência transformadora”.

Ao longo da história, a descoberta de novas fontes de calor possibilitou que a cozinha deixasse de ser apenas o centro do fogo e

passasse a reunir as atividades de conservar e cozinhar os alimentos. Por séculos, o calor era garantido pela chama aberta da lareira, em suas alternadas tipologias e disposições. Posteriormente passou-se para os fogões de ferro fundido; então o gás e, finalmente, a eletricidade (que ampliou o número de equipamentos utilizados atualmente no preparo alimentar) (BUSH, 1999).

De acordo com Zabalbeascoa (2013) a cozinha surge nas casas primeiramente como uma divisão isolada, sendo incorporada posteriormente à medida que se torna possível trazer o fogo para dentro do ambiente em que se vive. Por muito tempo, as características físicas da cozinha como um espaço demasiadamente quente, engordurado e esfumaçado colocaram-na numa posição de pouco prestígio dentro da separação social das atividades domésticas, o que fez como que fosse um ambiente pouco lembrado por sua configuração espacial (ALEXANDER; ISHIIAWA; SILVERSTEIN, 1980). É só a partir do século XX, que a cozinha passa a ser “definida pela primeira vez por sua arquitetura [...] para se reinventar como uma das áreas de ócio na casa” (ZABALBEASCOA, 2013, p. 72).

À cozinha são atribuídas as funções de armazenamento, beneficiamento, transformação e apreciação do alimento. É ponto central da socialização no espaço doméstico justamente por ser palco dessas práticas, o que faz muitas vezes com que a cozinha se sobressai entre os demais cômodos, tornando-a um local de expressão da casa (COSTA; PALHARES, 2016).

Sendo a casa um “micro-espaço do mundo” (SILVA, 2009, p. 2), local de abrigo familiar e espaço de socialização, a cozinha pode ser entendida não apenas como lugar de preparo de alimentos, mas, principalmente, como espaço de relações sociais, no qual o cotidiano corre e as relações entre seus moradores e seus visitantes são estabelecidas e solidificadas.

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

Se a descoberta e o domínio do fogo implicaram em uma dimensão socializadora do ato alimentar, à medida que as transformações causadas pelo intenso processo de industrialização e globalização chegam à cozinha e à rotina alimentar, a relação com esse espaço doméstico e com a comida em si também acaba sofrendo influência e alterações.

A própria questão da eletricidade e os novos equipamentos domésticos que vieram com ela, como o micro-ondas, reflete na inserção de alimentos prontos ou semiprontos em nossas refeições diárias. O que por um lado pode ser visto como uma solução prática para a dinâmica acelerada do cotidiano atual, em especial nos centros urbanos, por outro também implica uma abreviação do ritual alimentar e a imposição de uma nova dinâmica de consumo das refeições e conseqüentemente, do tempo desprendido com a cozinha e as relações que deixam de ser fortalecer nesse espaço.

Para Poulain (2006), a industrialização (refletindo nos produtos, utensílios, equipamentos e procedimentos) junto a uma mudança na valorização social das atividades domésticas levou as indústrias agroalimentícias a se desenvolverem dentro de uma autoprodução que representava a cozinha familiar, intensificando a oferta de produtos já próximos do estado de consumo (prontos e semi-prontos como enlatados ou congelados). Para o autor isto acaba distanciando o vínculo entre o alimento e a natureza, afetando a função socializadora da cozinha, desconectando parcialmente o “comedor” de seu universo biocultural ao introduzir nas refeições cada vez mais alimentos “dessocializados” (POULAIN, 2006, p. 51).

Comer é também um ato que religa o homem à natureza, ao real. A cozinha e as maneiras à mesa de uma sociedade são uma maneira original de regular as relações entre a natureza e a cultura. Industrializada, a alimentação suscita questões que

podem rapidamente transformar-se em angústias. De onde ela vem? Que transformações ela sofreu? Por que ela foi manipulada? (POULAIN, 2006, p. 53).

Evidentemente que como outros aspectos culturais, a alimentação também se altera e passa por processos de (re)adaptação de acordo com novas dinâmicas e costumes sociais. A acelerada rotina atual, em especial nos grandes centros urbanos, as novas configurações familiares (com o considerável aumento de pessoas morando sozinhas, por exemplo), a diversidade do setor de alimentação comercial com sua oferta de produtos industrializados prontos para consumo ou até mesmo o aumento dos serviços de *delivery* de bares e restaurantes disponíveis atualmente por aplicativos de celular são fatores que também refletem no modo como nos relacionamos com a comida e em como vivenciaremos os espaços relacionados a seu preparo e consumo. Tais transformações não anulam sua dimensão simbólica, mas com certeza podem influenciar na relação que possuímos com a comida e a cozinha.

Ainda que o foco aqui não seja as questões de gênero, o debruçar sobre a estruturação da cozinha e de sua centralidade nas tarefas domésticas evoca naturalmente tal questão, uma vez que este ambiente em muitas práticas e discursos ainda é relacionado à figura feminina, sobretudo no que diz respeito às dinâmicas domésticas.

Nessa discussão, Woortmann (1986) destaca o papel da comida na definição dos papéis de gênero ao dizer que “Quando se constrói a refeição se constrói o gênero” (WOORTMANN, 1986, p. 31), uma vez que dentro da dinâmica das práticas alimentares há uma clara distinção de gênero, já que historicamente foi aferido ao homem o papel social de provedor com a função de “colocar comida na mesa”, enquanto a mulher se encarrega das atividades de preparo e racionalização dos alimentos (ZALUAR, 1982).

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

O processo de gradativa inserção e consolidação das mulheres no mercado de trabalho, assim como o aumento expressivo da presença da temática de gênero no cotidiano e na academia, tem cada vez mais questionado o papel da mulher como responsável pelos afazeres domésticos, apontado a urgência de uma reestruturação na divisão de tarefas e reorganização da rotina familiar, visto que ainda estamos longe de uma divisão justa e ideal.

A partir do século XVI, a dicotomia entre as esferas público e privada, fomentada pelo pensamento moderno e a ascensão da classe burguesa no modo capitalista de produção, colaborou para consolidar a disparidade das relações de gênero entre homens e mulheres. Os espaços públicos de trabalho, as decisões políticas, permaneceram quase sempre exclusivos aos homens, enquanto as mulheres foram destinadas às funções domésticas realizadas nos espaços privados, considerados de menor valor (LAGO et al., 2009).

A segunda onda dos movimentos feministas, desenvolvida a partir dos anos 1960, iluminou a discussão das diferenças entre essas duas esferas, tendo em sua pauta a luta pela igualdade de direitos (PEDRO, 2005; NOGUEIRA, 2001) e também a busca por ressignificar as características, atribuições e funções delegadas às mulheres em nossas culturas, entre outras questões (LAGO et al., 2009).

Como indica Perrot (1998), iniciou-se um processo de recuperação de falas das mulheres, que estiveram silenciadas por muito tempo e que começam a contar outras histórias através da subjetividade das práticas cotidianas. Assim, as fronteiras entre público e privado se tornam um pouco menos estritas, possibilitando um olhar de valorização do espaço da casa, da esfera doméstica e do papel desempenhado pela mulher nestes ambientes (LAGO et al., 2009).

A respeito dessa perspectiva, ainda que a dimensão simbólica e afetiva da comida se faça presente independentemente de gênero, ao

vivermos em uma sociedade ainda fortemente patriarcal, é impossível não apontar que a cozinha segue como um espaço vivenciado de forma distinta, já que há ainda uma divisão social de seu espaço e afazeres enraizada na dinâmica de vários grupos e locais.

Bollnow (2008) descreve que nas habitações modernas, a cozinha acabou sendo oprimida até ser renegada a um espaço secundário, fazendo com que o fogão perdesse sua posição anterior de centro da casa, tendo seu lugar de certo modo substituído pela “mesa de comer”, demarcada como “o lugar no qual, e ao redor do qual a família se reúne em tempos regulares. Também a mesa manteve esse significado simbólico em muitas expressões proverbiais” (BOLLNOW, 2008, p. 176).

Apesar de tal afirmação partir da observação do contexto de 1960, época da primeira publicação de seu livro “O homem e o espaço” na Alemanha, concorda-se com a análise do autor no sentido de que é possível observar um distanciamento tanto da associação da centralidade da cozinha na realização de refeições quanto do vínculo estabelecido com esse ambiente, até pelo fato de que as refeições não são mais exclusivamente realizadas no ambiente doméstico.

No entanto, mesmo com todas as mudanças e novas dinâmicas vivenciadas em relação aos hábitos alimentares atualmente, acredita-se que a cozinha mantém sua importância como lugar de acolhimento, que desperta sentimentos e aflora lembranças, até porque em muitas casas a cozinha não abriga apenas o fogão, mas também a mesa de refeições, mantendo em um mesmo cômodo as funções de preparo e consumo alimentar.

Apesar de todas as transformações, a necessidade de nos conectarmos uns com os outros e com nós mesmos, permanece. E a cozinha, seja pela presença metafórica do fogo ou pela comida, continua sendo um ponto de encontro propício para tal. Se ao

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa

Marina Rossi Ferreira

dividirmos um lugar ao redor da mesa nos tornamos família, é porque a comida ainda evoca um sentido emocional muito íntimo. Rodamos o mundo, mas ainda retornamos ao que consideramos nossa casa (ou fazemos do próprio mundo, nossa casa).

As memórias candentes que se ligam a esse espaço da domesticidade mais profunda fazem dele, fazem da cozinha, uma sala de estar dentro de nós. Junto a um fogão de lenha aceso há conversas muito sinceras, de confissões desejadas. A cozinha é o centro afetivo da casa, é o coração da casa. Evoca um centro criativo. Estar na cozinha é estar dentro de um coração. Cozinha: metáfora da alma (BARCELLOS, 2017, p. 37).

A dimensão simbólico afetiva da cozinha também relaciona-se à comida como conformadora de memórias afetivas. Se na visão de Bachelard (1978) a casa é onde abrigamos nossos sonhos, na cozinha estes também viram memórias. Aromas, calor e sabores nos acolhem, nos recebem, nos confortam, nos fazem sentir, em casa. E a comida também é uma forma de expressar amor e nos sentirmos amados, de nos fazermos sentir em casa.

Pensar sobre a casa importa, pois vivemos um cotidiano que constantemente nos acelera, nos desloca de nós mesmos, nos torna descartáveis. Nesse sentido, a casa ainda evoca esse lugar onde nos sentimos pertencer. A casa é onde passamos o café e o compartilhamos com quem nos sentimos à vontade para sermos nós mesmos. Do frio do que o lado externo pode nos afligir, na casa, próximos ao fogo, estaremos protegidos. Ali é nosso lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa surge como abrigo, refúgio, proteção e segurança. Ela se materializa a partir da necessidade de estabelecermos um ponto

de referência fixo no espaço e porque também precisávamos de um lugar para manutenção do fogo e abrigo próximo a este. Logo a casa passa a ter outros significados, sendo entendida também como paz, tranquilidade, aconchego e afeto.

Uma construção que se torna casa ao ser habitada. É amada, sentida, sonhada, compartilhada, vivenciada... Em outras palavras, à medida que se configura em um espaço vivenciado. Nós nos identificamos com a nossa casa porque de modo muito íntimo ela reflete também quem nós somos. Ela torna-se o nosso canto no mundo e a partir dele se desdobram nossas relações com o mundo lá fora.

Para compreendermos a casa é preciso olhar a partir da relação desenvolvida com quem a habita, não é possível explicá-la apenas a partir de sua materialidade. Assim, como não é possível pensar a comida sem sua dimensão afetiva e simbólica. Habitar não é apenas ocupar um espaço, assim como comer não é um gesto vazio, isento de sentido. Comer evoca um sentir-se conectado com o mundo, com o outro e com nós mesmos. Comer nos alimenta nutricionalmente, mas também simbolicamente, pois a comida também é enriquecida de afeto, lembranças, desejos e conforto.

No saborear de sonhos ao lado do fogão ou próximo ao calor da acolhida do outro, aquecem-se corpo e alma. Se a casa inicia-se na história como um local de abrigo ao redor do fogo, a cozinha como protetora desse fogo, também nos recebe e protege. Ao redor da mesa, envolto de aromas, sabores, risos e conversas, encontramos o que identificamos como nosso lugar. Direcionar o olhar para a cozinha, assim como outros lugares relacionados ao rito alimentar, é fundamental para o refletir geográfico sobre a alimentação.

A comida carrega em si uma dimensão geográfica, em especial de uma geografia pessoal, íntima, caseira... Discorrer sobre comida é falar também sobre a relações espaciais, de como vivenciamos (e

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

saboreamos) o mundo. A cozinha reflete não apenas a forma como nos relacionamos com a comida, mas também como nos relacionamos espacialmente com a casa. E, assim como uma casa, nós somos mais do que apenas um aglomerado de espaços interligados entre si. Dentro de nós mesmos, nós somos o mundo inteiro. E uma geografia que se preocupe em pensar nas subjetividades cotidianas da nossa relação com o mundo, deve se debruçar sobre essa totalidade. ☉

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher; ISHIAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray. **Un Language de Patrones**: ciudades, edificios, construcciones. Trad. Justo G. Beramendi. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARCELLOS, Gustavo. **O banquete da psique**: imaginação, cultura e psicologia da alimentação. Petrópolis: Vozes, 2017.

BAEZA, Alberto Campo. Tu casa, tu museo, tu mausoleo. Mi casa, ni museo, ni mausoleo. In: **Nuevos modos de habitar**. Valencia: COAV, 1996.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Trad. de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BOUTAUD, J. J. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011.

BUSH, Akiko. **Geography of Home**: writings on where we live. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1999.

CARNEIRO, Henrique S. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

COSTA, Pedro Carvalho; PALHARES, Virgínia de Lima. Geografia do sabor: um ensaio na comunidade Alto dos Bois, Angelândia/MG. In: OLIVEIRA, C. D. M. de; GONDIM, L. B.; SILVA, L. R. T.; MACHADO, I. C. B.; CAVALCANTE, T. V. (Orgs.). **Os outros somos nós** – NEER (2006-2016). Timburi: Editora Cia do Ebook, 2016.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Comida**: uma história. Trad. de Vera Joscelyn. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERREIRA, Marina Rossi. Degustando lembranças: os sabores e a conformação de vínculo com o lugar. 2020. 249f. **Tese** (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020.

FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet** – uma história da gastronomia. Brasília: Thesaurus, 1995.

LAGO, Mara Coelho de Souza; SOUZA, Carolina Duarte de; KASZUBOWSKI, Erikson; SOARES, Marina Silveira. Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família. **Paideia**, v. 19, n. 44, p. 357-366, 2009.

LEITÃO, Lúcia; AMORIM, Luiz (eds). **A Casa nossa de cada dia**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Herald. **Housing Design**: a manual. Roterdão: Nai Publishers, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido** (Mitológicas v. 1). São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. **A Casa**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. Trad. Letícia Martins de Andrade. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

MOREIRA, Ana Rita. **O que faz da casa uma casa**: a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas. 2017. 197f.

“Lar doce lar” - a cozinha como centro afetivo da casa
Marina Rossi Ferreira

Dissertação. Mestrado integrado em Arquitetura. Universidade do Porto, 2017.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do género na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 107-128, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria género na pesquisa histórica. **História**, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

POLLAN, Michael. **Cozinhar**: uma história natural da transformação. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2006.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. **Qual**

o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos Santos. A comida como lugar de história: As dimensões do gosto. **História: Questões & Debates**, n. 54, p. 103-124, 2011.

SILVA, Marilu Albano da. Cozinha: espaço de relações sociais. **Iluminuras**, v. 10, n. 23, n.p., 2009.

WOORTMAN, Klass. A comida, a família e a construção do género feminino. **Revista de Ciências Sociais**, v. 29, n. 1, p. 103-130, 1986.

WRANGHAM, Richard. **Por que cozinhar nos tornou humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ZABALBEASCOA, Anaxu. **Tudo Sobre a Casa**. Trad. Maria Alzira Brum Lemos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico. In: ALMEIDA, M. S. K.; ARANTES, A. A.; BRANDÃO, C. R. **Colcha de Retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Submetido em fevereiro de 2019.

Revisado em março de 2020.

Aceito em novembro de 2020.